

FRANCISCO ALVIM

A mão que escreve

O tronco nu
contorce e grita
na flora oblíqua

O ar respira
a dúbia aragem
Na carne escura
a dor que surde

Látigo e nádega
Um corpo cego
emparedado
na própria história

Aqui agora
tantos olhares
presos no lírio
do pelourinho

Ecoa vivo
o meio-dia
o ouro falso
da vida falsa

Fezes e mijo
Sangue e suor
Carne tão nossa
A mão apócrifa

